

OS DESENHOS DAS CRIANÇAS NOS ESTUDOS DA INFÂNCIA

CHILDREN'S DRAWINGS IN CHILDHOOD STUDIES

Emilene Leite de Sousa (UFMA)

Flávia Ferreira Pires (UFPB)

Fernanda Müller (Unirio)

Maria Amoras (UFPA)

Desde Mead e Bateson (1942), a técnica de elaboração de desenhos foi legitimada como importante ferramenta de pesquisa na antropologia. Embora não seja a primeira delas, *Balinese Character* foi considerada a obra mais “exemplar e sistemática” ao tratar texto e imagem na disciplina (SAMAIN, 2000, p. 1465). Atualmente, talvez o que buscamos no tratamento e na sistematização de texto e imagem em pesquisas sobre e com crianças seja a natureza da “análise etnográfica”, e não o “meio”, que pode se dar a partir de entrevistas, fotografias, conversas informais, observação sistemática, grupos focais, questionários ou desenhos. (REGITANO; TOREN, 2019, p. 297).

As pesquisas sobre crianças no Brasil têm utilizado os desenhos com a intenção de acessar a produção simbólica das crianças, tornando-se comumente descrita nos capítulos metodológicos de trabalhos de conclusão, dissertações e teses, artigos diversos sobre os mais heterogêneos temas e contextos. No entanto, esses desenhos estampam as páginas do *corpus* das monografias e não são contemplados em análises mais detidas. Assim, há um descompasso entre o reconhecimento da importância da técnica, sua utilização em campo e o desaparecimento dos desenhos nos trabalhos, escamoteados nos anexos ou não submetidos às publicações. Ainda, quando conseguem visibilidade, em muitos trabalhos, os desenhos aparecem como técnica meramente ilustrativa, como argumentam Sousa e Pires (2021).

Por outro lado, reconhecemos os desenhos das crianças como uma importante fonte na produção de dados e uma técnica legítima, lembrando que sua eficiência é comprovada especialmente quando associado a outras técnicas de pesquisa para a elaboração de etnografias (PIRES, 2007). Além de tudo isso, a técnica parece agradar aos sujeitos da pesquisa. Igualmente, permite que nos aproximemos das crianças, teçamos redes de interação, ao mesmo tempo em que acessamos os seus pontos de vista.

O presente dossiê nasce da constatação de que, embora a técnica tenha se tornado comum nos estudos de infâncias, dos quais a antropologia faz parte, os desenhos são pouco problematizados nos artigos encaminhados às revistas que circulam pelo país. Diante disso, reúne trabalhos que não só consideram desenhos como importante técnica de pesquisa em campo, ou seja, como meio, mas também como um catalisador fundamental para a análise etnográfica, tal como defendido por Toren (REGITANO; TOREN, 2019). Além disso, os trabalhos nos expõem, primeiramente, a circulação de objetos, coisas e informações – papel branco, canetinhas, lápis, giz de cera, etc. – oferecidos pelas pesquisadoras nos mais diferentes contextos, seja da aldeia, da escola, no chão da calçada de um bairro. E mais importante: a circulação dos próprios desenhos, que não ilustram meramente os artigos, mas compõem, junto com palavras, a descrição das experiências de pesquisadoras e crianças. Os desenhos podem ser uma representação vigorosa para compreender as profundezas da vida social, não restrita necessariamente às crianças.

Igualmente, o dossiê objetiva dar uma contribuição aos estudos das infância e à metodologia da pesquisa com e sobre crianças, com foco na utilização da técnica do desenho, demonstrando seus usos e a produção dos dados por meio dela e de suas limitações. Ademais, dará início à desconstrução de aspectos que rondam os usos dos desenhos como: a) redução de sua importância a mero artifício de interação entre pesquisador e interlocutores; b) pouca habilidade dos cientistas sociais em lidar com desenhos; c) não reconhecimento da técnica como eficaz na produção de dados.

Os trabalhos são resultados de pesquisas que comprovam a eficácia da técnica e a potência da análise quando se trata da elaboração de desenhos por crianças na pesquisa antropológica. Eles descrevem o processo de confecção e revelam as circunstâncias e contextos em que a técnica se tornou primordial para desnudar uma dada realidade ou tratar um dado objeto, o que não teria sido obtido por outra via. A elaboração dos desenhos incluiu crianças indígenas, moçambicanas, ciganas e cidadinas (no Brasil e em Portugal), na condição de alunas, em universos como aldeias, comunidades tradicionais, escolas, ruas. Essa variedade de contextos, situações e objetos de análise demonstraram o vigor do uso de desenhos como uma importante técnica de pesquisa, adaptável para os mais distintos contextos. Inaugurando o dossiê, Clarice Cohn em “O desenho das crianças e a Antropologia: reflexões a partir das crianças Xikrin do Bacajá” analisa tanto desenhos “espontâneos”, elaborados pelas crianças Xikrin – individualmente ou em grupo em situações que buscavam os materiais junto à pesquisadora –, como desenhos elaborados na escola, quando, no período de aulas, recebiam um enunciado e os realizavam sozinhas. Vanderlúcia Ponte, Maria Amoras e Joyce da Silva nos brindam com “Entre matas e rios: o cotidiano da infância Tenetehar-Tembé pelas crianças” abordando os significados e sentidos dessa infância indígena a partir da utilização do desenho como meio e análise etnográfica. Marina Pastore é autora de “Nós queremos desenhar!: possibilidades de participação e produção de dados em uma pesquisa com crianças moçambicanas” que mostra como as crianças assumem o protagonismo e a participação social a partir de suas criações artísticas. Edilma do Nascimento

Souza escreve “Este é meu nome na Chibi!: Notas sobre desenho e conhecimento entre os Calon”, no qual crianças ciganas Calon de Mamanguape (PB) problematizam infâncias e educação. Francine Bordin pensa “O desenho nas pesquisas socioeducacionais com crianças” em uma pesquisa que teve os desenhos infantis como sua principal técnica. Ivana Martins da Rosa e Manuela Ferreira discutem multivocalidade e pesquisa através de “Linhas que falam: rotas (re) desenhadas no percurso de uma etnografia com crianças”, uma etnografia com crianças entre 6 e 14 anos nos espaços públicos abertos de uma comunidade piscatória do norte de Portugal. Finalmente, Marcia Gobbi apresenta em “Desenhos entre mundos: elementos para pesquisar e tentar compreender as crianças a partir de seus pontos de vista” as possibilidades e lacunas dos desenhos utilizados como ferramentas documentais.

Como organizadoras do dossiê, agradecemos o apoio da Revista Política & Trabalho, especialmente na figura de Ana Carolina Costa Porto, às autoras, pareceristas e todos e todas envolvidos nessa aventura que é a publicação de um periódico acadêmico no Brasil de poucos recursos para a educação e para a ciência.

Boa leitura e bons desenhos para todas nós!

Referências

- BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **Balinese Character: A Photographic Analysis**. New York: Academy of Sciences, 1942.
- PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 225-270, jan./jun. 2007.
- REGITANO, Aline de Paula; TOREN, Christina. Como nos tornamos quem somos: entrevista com Christina Toren. **PROA - Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 295-304, 2019. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/3593> Acesso em: 10 out. 2020
- SAMAIN, Etienne. Os riscos do texto e da imagem - Em torno de Balinese character (1942), de Gregory Bateson e Margaret Mead. **Significação: Revista De Cultura Audiovisual**, Campinas, n. 14, p. 63-88, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2000.90617> Acesso em: 03 mar. 2015
- SOUSA, Emilene Leite; PIRES, Flávia. Entendeu ou quer que eu desenhe?: os desenhos nas pesquisas com crianças e sua inserção nos textos antropológicos, **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 27, n. 60, p. 61-93, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000200003> Acesso em: 12 abr. 2022.